



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

JÚLIA KAROLINA LIRA DA SILVA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: DE GRADUANDA A PROFESSORA DE ESCOLA
CIDADÃ INTEGRAL**

**CAMPINA GRANDE/PARAÍBA
Novembro de 2019**

JÚLIA KAROLINA LIRA DA SILVA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: DE GRADUANDA A PROFESSORA DE ESCOLA
CIDADÃ INTEGRAL**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, em formato de relato de experiência, apresentado ao curso de licenciatura em ciências biológicas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em ciências biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Smania Marques

CAMPINA GRANDE/PARAÍBA
Novembro de 2019

S586r Silva, Júlia Karolina Lira da.
Relato de experiência [manuscrito] : de graduanda a professora de Escola Cidadã integral / Julia Karolina Lira da Silva. - 2019.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Roberta Smania Marques ,
Coordenação de Curso de Biologia - CCBS."

1. Formação docente. 2. Identidade profissional. 3. Prática docente. I. Título

21. ed. CDD 370.71

JÚLIA KAROLINA LIRA DA SILVA

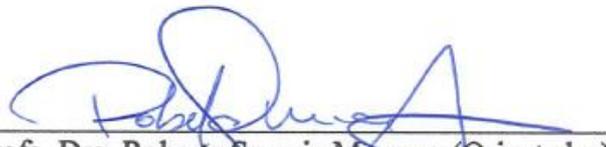
RELATO DE EXPERIÊNCIA: DE GRADUANDA A PROFESSORA DE ESCOLA
CIDADÃ INTEGRAL

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à coordenação do curso em licenciatura em ciências biológicas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em ciências biológicas.

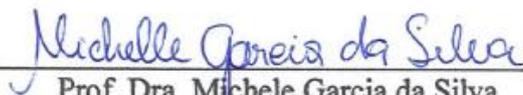
Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 27/11/2019.

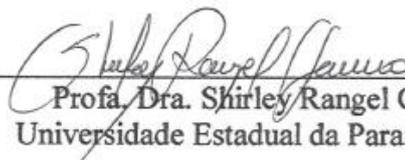
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Roberta Smania Marques (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Michele Garcia da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Shirley Rangel Germano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

“Educação é uma descoberta progressiva de nossa própria ignorância.” *(Voltaire)*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	12
3	O RELATO.....	12
3.1	2018: O INÍCIO.....	12
3.2	CRISE DE IDENTIDADE.....	15
3.3	O ANO DE 2019: (RE)CONSTRUÇÃO DE PENSAMENTOS E AÇÕES.....	16
3.4	SINTETIZANDO OS DESAFIOS.....	19
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
	REFERÊNCIAS.....	20

RELATO DE EXPERIÊNCIA: DE GRADUANDA A PROFESSORA DE ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL

Júlia Karolina Lira da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho visa relatar a partir da narrativa autobiográfica as experiências vivenciadas por uma graduanda que iniciou na docência mesmo antes de finalizar o curso e sem passar pelos estágios supervisionados. A experiência foi vivenciada na Escola Cidadã Integral Assis Chateaubriand, localizada na cidade de Campina Grande-PB, nos anos letivos de 2018 e 2019, nas turmas do ensino médio e fundamental. O objetivo deste trabalho, é evidenciar alguns fatos sobre o ambiente escolar e contribuir para o conhecimento, especialmente de graduandos, sobre a realidade a ser enfrentada no futuro campo de trabalho destes, promovendo assim uma reflexão sobre sua identidade profissional. A experiência serviu para refletir e comparar sobre a realidade escolar e a realidade teórica estudada na universidade, levando a uma constante aprendizagem, por parte da docente, assim como uma (re)construção de sua atuação e identidade profissional.

Palavras-Chave: Escola Integral. Identidade profissional. Prática Docente.

ABSTRACT

The current article aims at relating argumentative and descriptive form experiences witnessed by a graduate who began teaching even before finishing the graduation course and without attending practicum. The work was experienced at the Escola Cidadã Integral Assis Chateaubriand, located in Campina Grande, state of Paraíba, in academic years of 2018 and 2019, in primary and secondary classes. The purpose of this work is to make evident some facts about the school environment and contribute to the knowledge, especially of graduate students, on the reality to be confronted in the future working field of them, thus stimulating a reflection regarding their professional identity. The experience served to reflect and compare about the school reality and the theoretical reality studied at university, leading to a constant learning, on the part of the teacher, as well as a (re)construction of their performance and professional identity.

Keywords: All-day school. Professional identity. Teaching practice.

1

Graduanda em Ciências Biológicas na Universidade Estadual da Paraíba-UEPB Campus I. Docente de Biologia na ECI Assis Chateaubriand – PB. julia.karoline.pb@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

No Brasil a educação é regida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei n 9.394/96, sendo esta a mais importante lei do sistema educacional, pois traz as diretrizes gerais da educação brasileira, seja ela pública ou privada. O 2º art. da LDB diz que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Sendo assim, tanto a família quanto o estado tem responsabilidade sobre a formação social, profissional e humana do indivíduo. Outros documentos que regulamentam a educação no Brasil é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs). A BNCC, tem caráter normativo e, até o momento da defesa deste TCC se aplica exclusivamente à Educação Básica². O objetivo do documento é regulamentar a construção de todos os currículos escolares do país (BRASIL, 2017). Já as DCNs são normas obrigatórias para a Educação Básica e o Ensino Superior. Estas, orientam o planejamento curricular, buscando promover a equidade de aprendizagem, garantindo que conteúdos básicos sejam ensinados para todos os alunos. Sem deixar de levar em consideração os diversos contextos nos quais eles estão inseridos (BRASIL, 2018). A BNCC e as DCNs são documentos complementares, em que as Diretrizes dão a estrutura do currículo escolar e a BNCC o detalhamento de conteúdos e competências.

Dentre as políticas educacionais previstas pela reformulação da LDB em 2017 está o ensino integral. Segundo o art. 35.

§ 7º Os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais (BRASIL, 2017).

Dentro desta perspectiva, a partir da Lei nº 13.005/2014 Plano Nacional de Educação – PNE, baseado na meta número 6 – que busca oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos (as) alunos (as) da educação básica. O Estado da Paraíba criou a Lei nº 11.100, de 6 de abril de 2018 que Cria o Programa de Educação Integral, composto por Escolas Cidadãs Integrais - ECI, Escolas Cidadãs Integrais Técnicas - ECIT e Escolas Cidadãs Integrais Socioeducativas – ECIS, instituindo também o Regimento de Dedicção Docente Integral - RDDI e dá outras providências.

Segundo o caderno de formação do programa de Educação Integral elaborado pelo Instituto de Corresponsabilidade Pela Educação - ICE³, o marco inicial deste projeto, nasceu de uma situação peculiar no início dos anos 2000, em Recife – PE, a partir de uma proposta de revitalização do secular Ginásio Pernambucano, idealizada por um ex-aluno, que posteriormente recebeu apoio de instituições privadas. A primeira etapa da revitalização foi uma reforma estrutural (ambiente físico) e a segunda etapa se referia ao projeto de recuperação da qualidade do ensino. Então, o ICE (entidade sem fins econômicos, criado em

2 Há um projeto da BNCC para formação de professores que pode ser visto em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=105091-bnc-formacao-de-professores-v0&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192

3 Informações sobre o ICE pode ser visto em: <http://icebrasil.org.br>

2003 por um grupo de empresários motivados a conceber um novo modelo de escola e resgatar o padrão de excelência do então decadente e secular Ginásio Pernambucano) e o Governo do Estado de Pernambuco transcenderam o marco da reforma estrutural e, consolidando suas parcerias, iniciaram os estudos para propor um novo ordenamento político-institucional e pedagógico para o Ginásio Pernambucano, restituindo o seu poder de referência como parte de um processo amplo de desenvolvimento da educação em Pernambuco, no Nordeste e no Brasil, intitulado de Escola da Escolha (ESTADO DA PARAÍBA, 2019).

Fundamentado neste projeto, o Estado da Paraíba adaptou o projeto para sua realidade e incluiu outros parceiros institucionais (com organizações e/ou pessoas) que apoiam o projeto. Entre estas parcerias, podemos citar como exemplo a criação da disciplina Colabore e Inove, que nasceu por meio de uma parceria única realizada entre o Governo da Paraíba a Comissão Executiva das Escolas Cidadãs Integrais e o *Proakatemia*, uma escola de empreendedorismo vinculada à Universidade de Ciências Aplicadas de Tampere (TAMK-*Tampere University of Applied Sciences*), na Finlândia. Tais parcerias objetivaram implantar inovações educacionais parecidas com aquelas utilizadas pelo país que tem o melhor índice de aproveitamento escolar (ESTADO DA PARAÍBA, 2019).

Assim, a implantação da Escola em tempo Integral pela Secretaria de Educação do estado da Paraíba visa reestruturar a escola e o processo de ensino-aprendizagem, superando seus fracassos e decadências, colocando o jovem e seu projeto de vida como foco principal do programa, tornando-os competentes para os desafios do século XXI e protagonistas de suas vidas (ESTADO DA PARAÍBA, 2019). Portanto, pretende-se que haja o desenvolvimento de jovens autônomos, solidários, atores competentes e sujeitos da própria ação, prontos para buscar a solução de problemas reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla (ESTADO DA PARAÍBA, 2019). Refere-se à formação de um sujeito ativo, com espírito de liderança, capaz de tomar decisões e fazer escolhas embasadas no conhecimento, na reflexão, na consideração de si próprio e do coletivo, conforme indicam as DCNs (BRASIL, 2017).

Neste programa está inserido uma base diversificada com disciplinas extracurriculares que visam complementar o conhecimento do aluno, formando-o em aspecto acadêmico, profissional e humano. Tais disciplinas são: Projeto de vida, que é o eixo principal da Escola Cidadã e busca problematizar as múltiplas dimensões da identidade dos jovens ainda em formação. Estas aulas se referem a um projeto de carreira profissional e também um processo de reflexão sobre o “ser e o querer ser” tendo por objetivo ajudar o jovem a planejar o caminho que precisa construir e seguir para realizar esse encontro, seja nas dimensões pessoal, social e produtiva da vida, num período de curto, médio e longo prazo (ESTADO DA PARAÍBA, 2019). No documento das Diretrizes Operacionais das ECI, ECIT e ECIS (instrumento que visa orientar acerca da operacionalização das rotinas escolares e subsidiar a organização das atividades desenvolvidas pela equipe escolar, documento este elaborado pela Secretaria de Estado da Educação) está definido que:

- Disciplinas Eletivas, são disciplinas temáticas, oferecidas semestralmente, propostas pelos professores e/ou pelos estudantes e objetivam diversificar, aprofundar e enriquecer os conteúdos trabalhados pelas disciplinas da Base Nacional Comum Curricular;
- Preparatório Pós-médio é destinado aos alunos do 3º ano do Ensino Médio, e possibilita orientar e aprofundar o estudo do aluno a partir da área de conhecimento escolhida por ele para a preparação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem);
- Práticas Experimentais, visam o contato físico, e aplicação prática dos conceitos que são abordados em sala, sendo o principal objetivo esperar que o aluno melhore sua

habilidade em expor de forma clara, objetiva e precisa o trabalho realizado nas experiências, reforçando assim o aprendizado teórico;

- Colabore e Inove, tem como objetivo principal o ensino de empreendedorismo e habilidades fundamentais para o profissional do século XXI;
- Estudo Orientado, orientados por um professor, o educando aprende métodos, técnicas e procedimentos para organizar, planejar e executar os seus processos de estudo através de uma rotina que contribua para a melhoria da aprendizagem e Nivelamento, que é uma ação emergencial visando promover as habilidades básicas não desenvolvidas no ano escolar anterior ao da série/ano em curso, em consonância com as diretrizes do processo de recuperação da aprendizagem.

De acordo com as diretrizes das Escolas Cidadãs Integrais da Paraíba o conteúdo pedagógico deve estar voltado para a formação educacional de excelência, conforme a regulamentação da Base Nacional Comum, e a profissionalização do educando conforme método didático e administrativo próprios. O objetivo é oferecer os fundamentos de uma escola inclusiva e que visa formar o cidadão para os desafios do século XXI e assim como também para as exigências profissionais que o mundo contemporâneo exige, tendo como ponto de partida o educando e buscando desenvolver os pilares essenciais para a formação de indivíduos que possam contribuir com a sociedade a partir de sua autonomia, das diferentes competências e sendo solidários, tudo isso baseado no incentivo e desenvolvimento do protagonismo.

O modelo tradicional de ensino ainda é muito utilizado por vários educadores nas escolas. Esse modelo educacional torna o conhecimento um conjunto de informações que são simplesmente repassadas dos professores para os alunos, e nem sempre resulta em uma aprendizagem que faça sentido para os sujeitos (CARRAHER, 1986). Os alunos são apenas ouvintes sendo que, na maioria das vezes, estes conhecimentos repassados pelos professores não são realmente aprendidos pelos alunos, sendo apenas memorizados por um curto período de tempo e, na sua maioria, esquecidos em poucos dias, semanas e/ou meses.

Esse “novo” modelo educacional traz muitos desafios para os alunos (as), professores (as) e gestores (as). A proposta de educação integral é inovadora e também muito ambiciosa, pois coloca na responsabilidade da escola além da formação acadêmica a formação humana e comportamental do aluno, nas diretrizes que regulamenta este ensino e nos dados divulgados na mídia, tudo é perfeito e altamente funcional. Porém, eu enquanto professora da Escola Cidadã Integral (ECI) Assis Chateaubriand, que está no seu segundo ano de implantação deste modelo, tenho vivenciado várias angústias quanto a esse “ensino inovador”, muitas vezes me confundindo se sou mãe, psicóloga, conciliadora ou professora.

Sendo assim, proponho-me nesta pesquisa relatar minha experiência como docente, mesmo sem ter concluído a graduação e nem mesmo passado pelos estágios supervisionados em sala de aula, mostrando os desafios, medos e principalmente a resiliência. Ao final deste estudo, buscarei oferecer um material como fonte de conhecimento sobre o futuro campo de trabalho para docentes em formação inicial. Além disso, entendendo que a experiência e o conhecimento de quem vivencia o chão da escola diariamente pode contribuir para a reflexão de quem planeja e organiza o seu funcionamento, quer seja na resolução de problemas, quer seja abrindo novas frentes de ação, pretendo apresentar essas minhas reflexões à secretaria de educação do estado. O objetivo será oferecer propostas de melhorias e/ou implantação de novas estratégias para o programa, tendo em vista que a realidade muitas vezes se contrapõe às diretrizes, assim, quero, através deste relato, poder contribuir para o conhecimento de novos professores e propor melhorias para o modelo da ECI.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este relato de experiência do tipo narrativa autobiográfica foi vivenciado na Escola Cidadã Integral Assis Chateaubriand, que está localizada na Zona Leste da cidade de Campina Grande no estado da Paraíba e tornou-se Escola Cidadã Integral (ECI) no ano de 2018. As narrativas autobiográficas fundamentam-se na descrição, reflexão e introspecção tanto intelectual quanto emocional do narrador (em sintonia com autores escolhidos por ele dentro de um contexto sociocultural para interlocução teórica) e do leitor/interlocutor da narrativa (Bossle & Molina Neto, 2009). Nóvoa (2000 apud Silva & Mendes, 2009) afirma que as principais críticas a este tipo de pesquisa provêm de correntes da psicologia e da sociologia. As primeiras reclamam da fragilidade metodológica e as seguintes reclamam do esvaziamento das lógicas sociais. O autor responde que estas críticas podem ser superadas pela ação atenta e preparada do pesquisador.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico a estrutura física da escola conta com 20 salas de aula, 1 laboratório de matemática, 1 laboratório compartilhado entre as disciplinas de química, física e biologia, 1 laboratório de arte, 1 sala de multimídia, 1 biblioteca, 1 refeitório, 1 auditório e 1 cozinha. Em seu quadro de pessoal a escola conta com 31 professores, 1 gestor escolar, 1 coordenadora pedagógica, 1 coordenadora administrativa financeira, 1 coordenadora da área de linguagens, 1 coordenador da área de ciências da natureza e matemática e 1 coordenador da área de humanas. Os alunos estão distribuídos em 18 turmas, sendo divididas em 12 turmas no ensino fundamental II e 6 turmas no ensino médio, totalizando um corpo discente com 436 alunos regularmente matriculados no ano de 2019.

3 O RELATO

3.1 2018: O INÍCIO

Em fevereiro de 2018, eu ainda estava cursando o 7º período da graduação de licenciatura em Ciências Biológicas, quando tive a oportunidade de ingressar na carreira docente, em uma Escola Cidadã Integral (ECI) na cidade de Campina Grande – PB. Eu não tinha cumprido os estágios supervisionados II e IV (os quais nos levam para a sala de aula dos ensinos fundamental e médio, respectivamente), sendo assim não tinha nenhuma experiência.

A escola localiza-se na periferia e se caracteriza por ter um grupo discente com muitos usuários de drogas, envolvidos na comercialização do tráfico e no crime. A maioria não possui uma família que possa orientar, mas ao contrário disso, muitos relatam que no lar é o local em que encontram o lugar mais hostil para se viver. Na verdade, neste contexto, a escola acaba sendo um lugar mais seguro, confortável, com garantia de alimento e o professor(a), sendo seu principal exemplo de vida. Neste cenário, o conhecimento é o último recurso buscado, infelizmente. Quando ingressei como docente, esta escola estava no seu primeiro ano de implantação do modelo ECI, ou seja, no chamado “ano da sobrevivência”, por ser o primeiro ano da escola no modelo integral, sendo uma mudança complexa para a comunidade escolar, todos tem que se adaptar à nova rotina, como horário (7:30 às 17:00), aumento no número de aulas (09 (nove) aulas diária), novas disciplinas, novas responsabilidades (líderes de turma), etc. Sendo este um ano de muitas incertezas, de erros e acertos e também de muitas descobertas com as quais todos deverão aprender.

Na semana em que cheguei, estava acontecendo o planejamento semestral e logo fui bombardeada de informações que nunca tinha ouvido falar na vida, nem mesmo quando era aluna de escola regular. Por exemplo, no modelo da ECI o principal lema é “o jovem e o seu projeto de vida”. A coordenadora da área de linguagens estava conduzindo as reuniões, e então “com o barco andando” sem saber de nada e sem conhecer ninguém fui perguntando as

coisas a uns e outros e “compreendendo” que precisava fazer algumas tarefas: meu programa de ação, guia de aprendizagem, ementa de eletiva, preparar aulas de estudo orientado, práticas experimentais e organizar as fichas dos meus alunos tutorandos⁴. Concluí portanto que a última coisa com a qual eu deveria me preocupar era em elaborar minhas aulas de biologia. Na verdade, eu estava completamente perdida, não entendia nada daquela reunião e me perguntava o que estava fazendo ali, pois tinha sido contratada para ser professora de biologia e não do projeto de vida das pessoas! Mesmo assim, decidi enfrentar as adversidades e os medos, afinal, decidi submeter-me ao processo seletivo para as Escolas Cidadãs Integrais da Paraíba, pois era a oportunidade de trabalho existente na minha área de futura formação.

Após a semana de planejamento, enfim começaram as aulas. Fiquei responsável por todo o ensino médio como professora de biologia e algumas turmas do fundamental como professora da base diversificada. Eram no total 10 turmas! E eu, inocentemente, achava que o pior já tinha passado. Foi então que logo na primeira aula em uma turma numerosa e barulhenta do 7º ano do ensino fundamental, com alunos maiores que eu e fora da faixa etária para o ano de curso, suei frio. Bateu uma insegurança. Afinal, como eu já tinha passado por cerca de pouco mais de 50% do curso, achava que tinha uma boa base para lecionar. Porém por alguns instantes, não soube o que fazer. Foi nesse momento que percebi que o conhecimento acadêmico não supera o conhecimento didático-pedagógico, e sim que os dois se completam e são igualmente importantes na atividade docente. Minha maior dificuldade nesse momento foi porque ainda não tinha cursado as disciplinas de estágio, então a primeira vez em sala de aula já foi oficialmente como professora e me vi com muito medo de enfrentar a turma. Mas, respirei fundo, escondi o medo, engoli as lágrimas e apliquei a dinâmica que tinha preparado para a primeira aula. Uns interagiram, outros nem o nome quiseram falar, e assim foi todo o meu primeiro dia como docente, que se arrastou igualmente por toda a semana, pois conhecer cada turma era um verdadeiro desafio. Então percebi que me encontrava em uma profissão solitária (PETER, 2004). Pois, naquele momento não poderia contar com a ajuda de outras pessoas para contornar ou resolver qualquer situação. Neste momento passava pelo que FREIMAN-NEMSER e BUCHMANN (1985) chamam de a armadilha dos “dois mundos” dividida entre demandas estudadas da universidade e a realidade da escola em minha primeira experiência de ensino, estas possuem diferentes ideais e, conseqüentemente, enfatizam diferentes valores e práticas. Ou seja, eu tinha conhecimentos científicos sobre a disciplina adquiridos na universidade, mas estava naquele momento vivendo uma realidade que ainda não tinha estudado, nem nunca estudarei, pois a vivência ensina muito mais que a teoria.

Ao preparar de fato, as primeiras aulas de ciências/biologia da semana, planejei aulas em slides, com poucos textos, muitas imagens, vídeos, *gifs*, perguntas do dia a dia que pudessem ser aplicados no conteúdo e toda estratégia didática que tinha ouvido e lido nas disciplinas de didática. Mas, as aulas que preparei para uma semana foram utilizadas por três semanas, pois muitos imprevistos aconteceram, como por exemplo a falta de almoço, e assim o calendário foi atrasando. Na minha cabeça a aula estava perfeita, não tinha como um aluno não prestar atenção e/ou não gostar dela. Foi então que me deparei com mais um desafio, dividir a atenção dos alunos com os seus celulares e fones de ouvido com suas músicas favoritas, pois eles podem não ter o básico em suas casas, mas um celular, todos têm! Pois, não é menos verdade que, os estudantes de hoje em dia tenham mudado muito em relação ao que eram há alguns anos atrás. Os denominados “nativos digitais” (jovens que nasceram na era da computação), dominadores dos celulares, amantes dos videogames e com capacidade

4 Tutoria é uma oferta de apoio para reflexão e orientação das múltiplas aprendizagens do estudante, sendo esta uma atuação generosa com claros limites de atuação pautada pela ética profissional por parte do docente.

de processamento flexível de múltiplas fontes de informação, começaram a povoar e modificar as nossas escolas e centros de ensino. E essas mudanças devem ser consideradas pelos docentes para que saibam quais tipos de alunos estão se dirigindo (GARCIA, 2010). Foi então que comecei a preparar as aulas em meu caderno, na verdade fazia uma síntese do livro, sempre evitando os textos corridos, colocava os pontos principais dos conteúdos em tópicos a partir do livro didático utilizado pela escola. Na aula, copiava no quadro o que estava no meu caderno e os alunos copiavam nos seus respectivos cadernos. Esperava alguns minutos, para que concluíssem e, em seguida, narrava os tópicos do quadro ampliando o conteúdo para mais além daquilo que estava posto. Durante a narrativa fazia alguns questionamentos, trazia algumas vivências do dia a dia, sempre com a tentativa de deixar a aula mais interativa, atraente e dinâmica. Contudo, independente da estratégia utilizada, a atriz principal daquele cenário era eu. Sendo assim, os alunos eram meros expectadores que não estavam dispostos a participar da cena, pois o roteiro não era do seu interesse. Ou seja, eram aulas tradicionais, que eu escrevia no quadro a cópia do livro e eles realizavam os exercícios posteriormente (VIANNA, 2012). Assim, sempre estava mais preocupada com os meus objetivos, que em resumo era repassar as definições e conceitos do livro, para cumprir a quantidade de conteúdos programados no currículo, do que estimulá-los a serem protagonistas dos seus processos de aprendizagem (SILVA, 2018). Então, a aprendizagem se dá através da aquisição do conhecimento a partir das experiências de forma imediata, levando o indivíduo a uma auto regulação, buscando um equilíbrio do seu cognitivo a realidade a qual encontra-se inserido, levando-o a um próprio desenvolvimento intelectual (FERRACIOLI, 1999).

Sendo assim, pensei em uma estratégia para driblar esse problema do uso dos celulares, pois sempre tentei não ser uma professora “carrasca”, e sempre acreditei que o diálogo e o contrato de convivência são ótimos caminhos para serem seguidos, na tentativa de uma boa convivência, pois neste cenário de trabalho a melhor coisa era evitar conflitos pessoais (PERRENOUD, 2000). Foi então que combinei com eles o seguinte: enquanto eu estivesse copiando o conteúdo no quadro e eles no caderno, poderiam escutar suas músicas, mas, durante a explicação eles teriam que prestar atenção, caso contrário, na nota de avaliação contínua eles seriam penalizados. Foi assim que consegui a atenção deles durante a explicação do conteúdo.

Após vários dias de aulas, chegou o dia de fazer a Avaliação Semanal (AVS), uma atividade obrigatória, com questões de múltipla escolha, realizada semanalmente (é elaborado um calendário que contempla uma ou duas disciplinas por semana). AS AVS devem ser realizadas pelos alunos em até 100 minutos, e devem ser elaboradas de forma contextualizada, nos moldes do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Então eu pensei: “já que dei ótimas aulas e mediante o contrato de convivência, eu consegui garantir que todos prestassem atenção, lógico que sair ótimas notas”. Foi então que veio mais uma grande e frustrante decepção. As notas variaram entre 0,0 (zero) pontos e no máximo 5,0 (cinco) pontos. Para mim não era possível isso acontecer, pois me preocupei em dar a melhor aula possível, mas infelizmente o resultado foi desastroso.

Foi então que percebi que precisava desacelerar, e que a quantidade de conteúdos não significava qualidade de aprendizado. O ensino deve levar os estudantes a participarem do processo de construção do seu pensamento conceitual e oferecer oportunidade para aprender, argumentar e exercitar a razão, em vez de fornecer-lhes, apenas, respostas prontas e acabadas ou impondo-lhes uma visão fechada da ciência (PÉREZ *et al.*, 2001). Até porque, os alunos trazem para sala de aula algumas noções já estruturadas com uma lógica própria coerente, a partir das suas vivências do cotidiano para explicar os conteúdos, mas diferentes da lógica científica, ou seja, o aluno tem sempre algum conhecimento prévio, mesmo não sendo o científico (CARVALHO, 2004). Mas também me vi em uma situação que não poderia avaliar

os alunos somente com prova, e que atividades complementares eram necessárias para futura aprovação destes, pois a ideia de que eles precisam ser os protagonistas de seus conhecimentos, é algo que precisa ser construído, e essa construção é demorada e muito difícil. O ano foi passando, o medo também, e acabei conhecendo todas as minhas turmas e sempre tentei manter um relacionamento amigável e sincero com todos.

Chega o dia do meu primeiro plantão pedagógico como professora, organizei todas as notas realizadas do primeiro bimestre e também anotei todas as observações para conversar com os pais dos alunos que estavam abaixo da média e dos mais trabalhosos. Mas, para a minha decepção os pais que estiveram no plantão foram poucos e somente daqueles alunos que “não precisavam”, ou seja, dos que eram bons alunos, nas notas e no comportamento. Isso se repetiu em todos os plantões do ano. Acredito que isso ocorre, pois muitos pais parecem não se importar com as relações pessoais que seus filhos constroem dentro da escola. Sendo importante somente a aprovação no final do ano letivo.

Em dezembro do ano letivo de 2018, enfrentei o primeiro conselho final. Estava cheia de expectativas quanto a este momento, pensando que seria algo tranquilo e equilibrado. Após as avaliações finais, os alunos reprovados eram avaliados neste conselho. As regras de aprovação ou reprovação do regimento escolar foram lidas para que todos os professores (as) estivessem cientes da legalidade do processo. As discussões foram realizadas por turmas, iniciando com o 6º ano do ensino fundamental e finalizando no 3º ano do ensino médio. O início das discussões, levou-me a desconstruir tudo que pensava sobre aquele momento, pois na verdade “venciam” os professores que gritavam mais, ou seja, infelizmente a individualidade/necessidade de cada aluno que precisava ser analisada naquele momento não era levado e considerado, pois a escola teria que ter o máximo de aprovações possíveis, independente se o aluno estivesse apto ou inapto. Pois, ela teria que garantir uma boa verba para o ano seguinte, verba esta que é garantida por cada matrícula. Nesta ocasião, enfrentei mais uma frustração, mas continuei a caminhar na docência. Até porque, o primeiro ano de um professor iniciante, é um ano de sobrevivência, descobrimento, adaptação, aprendizagem e transição (FREIMAN, 2001). As tarefas iniciais neste momento, é a de conhecer os alunos, o currículo e o contexto escolar, além de desenvolver um repertório que lhes permita sobreviver como professor, criar um ambiente favorável à aprendizagem na sala de aula e desenvolver sua identidade profissional. A questão é fazer isso com as mesmas responsabilidades que os professores mais experientes (MARCELO, 1999). O início profissional é uma transição de ser estudante a ser professor, e surge muitas dúvidas e tensões, devendo adquirir um conhecimento adequado e uma competência profissional em um curto período de tempo. Então, gerenciar a aula, motivar os alunos, relacionar-se com os pais é uma situação muito complicada, sendo definitivamente, uma sobrevivência pessoal e profissional.

3.2 CRISE DE IDENTIDADE

A construção da identidade profissional se inicia durante o período de estudante nas escolas, mas se consolida logo na formação inicial e se prolonga durante todo o seu exercício profissional. A titulação, não traz essa identidade automaticamente, ao contrário, é preciso construí-la e modelá-la. Isso requer um processo individual e coletivo de natureza complexa e dinâmica, o que conduz à configuração de representações subjetivas acerca da profissão docente (GARCIA, 2010).

A identidade profissional docente, trata-se de uma construção individual referida à história do docente e às suas características sociais, mas também de uma construção coletiva a partir do contexto no qual o docente está inserido. Também contribui para a percepção de motivação, compromisso e satisfação no trabalho dos professores, e é um fator importante

para configurar um bom professor. Sendo influenciada por aspectos pessoais, sociais e cognitivos; ela ocorre no terreno do intersubjetivo e caracteriza-se por ser um processo evolutivo, de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto (GARCIA, 2010).

A construção da identidade profissional e seu possível choque com a realidade se referem também ao problema da imagem social. As expectativas, realidades, estereótipos e condições de trabalho contribuem para configurar o autoconceito, a autoestima e a própria imagem social (BOLÍVAR, 2006).

Um fator importante a considerar na análise da situação do docente é o respeito de que os educadores precisam na sociedade em geral e, especialmente, por parte dos alunos, porque disso dependerá que encontrem mais ou menos dificuldades no desenvolvimento de suas tarefas. Nas sociedades tradicionais existia certo acordo entre os integrantes da comunidade sobre o que se devia esperar dos mestres e dos professores, o papel estava definido com clareza. Mas isso mudou em nossos dias. A instituição escolar está sujeita a uma notória deterioração da valorização social do papel docente (GARCIA, 2010).

Com todas as batalhas enfrentadas, chegou um certo momento que me encontrei com um conflito de identidade, eu não sabia quem eu era, se professora de biologia ou mãe, conselheira, amiga e/ou psicóloga. Muitos alunos começaram a me procurar para falar sobre a vida pessoal, seus problemas familiares, amorosos e psicológicos. Nestes momentos, tinha que ter muito cuidado com o que pensava e falava, pois percebia que era uma pessoa da confiança deles, e por isso teria que ter muito cuidado com as palavras e aconselhamentos.

Com o passar do tempo, percebi que na verdade o que eles queriam era alguém que os escutassem, aconselhassem e os abraçassem com carinho e cuidado, situações estas que na maioria deles, não tinham em suas casas. Então, fui conciliando estes momentos de confiança com o profissional, construindo relações amigáveis e de respeito, que levaram a uma ótima convivência com as turmas. Essa sequência de fatos, me fez imaginar várias maneiras de ser professora, levando-me a uma constante (re)construção com base nas experiências, opções e práticas que marcam uma contínua transformação (SOUZA, 2008), relacionada aos contextos escolares. Assim, a identidade docente é uma constante adaptação na maneira de ser, estar e agir nos ambientes onde estamos, e as lutas e os conflitos nos leva a construir e reconstruir várias identidades (PAMPLONA; CARVALHO, 2009). Portanto, com relações dinâmicas, formamos várias identidades, mesmo que contraditórias, mas associadas aos vários contextos que nos rodeiam (HALL, 2006).

3.3 O ANO DE 2019: (RE)CONSTRUÇÃO DE PENSAMENTOS E AÇÕES

Foi no ano de 2019 que conheci um ótimo professor de estágio supervisionado III. Através dele conheci a metodologia de ensino, educar pela pesquisa, trabalhada no Brasil especialmente pelo professor Pedro Demo⁵. Esta metodologia levou-me a repensar minha prática docente, pois na verdade, mesmo com pouco tempo de trabalho já me encontrava como velhos professores, amargurada, desacreditada, fazendo aulas completamente reprodutivistas e sem perspectiva de mudança.

Entretanto, enfrentei um desafio com gestão escolar. Pois não permitiam o uso dos microscópios do laboratório de biologia, a justificativa era que os alunos iriam roubar os equipamentos. Mas, eu preparei aulas práticas, onde utilizei os equipamentos. Pois eles estavam ali para serem usados e não guardados.

5 Informações curriculares estão disponível em:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4780432E5>

Infelizmente, entre os professores existe um difundido sentimento de perda de prestígio e de deterioração de sua imagem social. Esse sentimento se repete em muitos países e parece se evidenciar numa série de sintomas críticos como os seguintes: bacharéis que optam por ser professores; baixos níveis de exigência das universidades e institutos de formação de professores nas disciplinas “pedagógicas” para o ingresso na carreira docente; percepção generalizada da sociedade da má qualidade da educação básica associada à baixa qualidade dos docentes (GARCIA, 2010).

Esse problema de status traz consigo, naturalmente, uma situação de inconformismo e de baixa autoestima. Muitas vezes quando eu interrogava alguns professores, que já tinham alguns anos de experiência, sobre as dificuldades que encontram no trabalho, muitos professores declaram que não estão satisfeitos com suas condições de trabalho e, em particular, com a falta de uma carreira de prestígio. Um diagrama da estrutura das carreiras docentes, daria como resultado uma figura piramidal com uma base muito ampla, tendo em conta que a imensa maioria dos docentes abandonam sua profissão no mesmo nível em que começaram, com poucas oportunidades de ascensão a cargos de responsabilidade, ou inclusive de transferência para outros níveis de educação, sem um consequente desenvolvimento profissional (GARCIA, 2010).

Então, concordando com Carvalho (2004), percebi que, não basta o professor saber da ciência, ele precisa saber fazer com que seus alunos sejam capazes e aprendam a argumentar, reconhecer afirmações contraditórias, perceber as evidências que dão ou não suporte as afirmações, além de perceber a integração entre afirmações. Além disso, é necessário criar um ambiente propício para que o aluno reflita nos seus pensamentos, aprendendo a reformulá-lo, mesmo em meio às contradições dos colegas, e mediar os conflitos tomando decisões coletivas (CARVALHO, 2004).

Para lecionar, outros conhecimentos devem ser levados em consideração, como: o conhecimento do contexto (onde se ensina), o dos alunos (a quem se ensina), de si mesmo e de como se ensina, pois, são importantes no processo de ensino-aprendizagem. Porém, se analisarmos os currículos dos programas de formação docente, veremos que os tipos de conhecimento aos quais nos referimos são desconsiderados e os conteúdos disciplinares e os “pedagógicos” se apresentam, de modo geral, de maneira isolada e desconexa (GARCIA, 2010) ou seja, foi muito difícil iniciar o trabalho docente, pois tinha mais conhecimento disciplinar (técnico) do que pedagógico.

Foi quando, no 9º período da universidade, então com um ano em sala de aula, conheci o método de ensino construtivista, que mesmo sendo um método que sempre está em debate é pouco praticado. Pois, um ensino baseado no construtivismo requer novas práticas docentes e discentes, pouco usadas na nossa cultura escolar. Introduce um novo ambiente de ensino e uma nova forma de aprendizagem, apresentando novos desafios a ambos. O professor precisa sentir e tomar consciência desse novo conceito e do novo papel que deverá exercer na classe (CARVALHO, 2004). Conheci também o modelo cognitivo de Carraher (1986), que defende a ideia de que os docentes levantam questões reais do cotidiano para que os alunos busquem soluções e mesmo as respostas não sendo as desejadas pelo professor, ele não deve descartar o fato de que o aluno tenha raciocinado para chegar àquela conclusão.

Para além das modalidades de ensino que foi possível ter contato ao longo da minha formação profissional, concordo com Freiman (2001) quando fala sobre o divórcio existente entre a formação inicial e a realidade da escola. Acerca disso, o autor destaca que os estudantes em formação conseguem perceber que tanto os conhecimentos como as normas de atuação transmitidas na instituição de formação diferem das práticas profissionais. Senti essa diferença de realidade, a partir do primeiro contato na sala de aula. Portanto, acredito que para

acabar com esse divórcio, seria necessário inserir mais estágios práticos, no currículo da educação superior, desde o início da formação.

Então comecei a questionar-me: como posso levar os meus alunos a pensar criticamente? Como estimulá-los e ensiná-los a formular e resolver hipóteses? Como eles podem correlacionar os conteúdos de biologia com o cotidiano? E a principal questão, como eu posso melhorar como professora mesmo com todas as dificuldades enfrentadas. Pois o que sempre vi/escutei nos corredores da escola, eram professores reclamando e dizendo que os alunos não queriam nada na vida, que eram preguiçosos e desinteressados. Mas, estes mesmos professores não queriam mudar suas metodologias, nem se quer o material didático utilizados em suas aulas a vários anos. Ou seja, eles queriam mudanças dos seus alunos, mas não queria mudar, sair da zona de conforto. E descobri que, ensino e aprendizagem são dois conceitos que têm ligações bastante profundas; fazer com que esses dois conceitos representem as duas faces de uma mesma moeda ou as duas vertentes de uma mesma aula é, e sempre foi, o principal objetivo da didática (CARVALHO, 2004, p. 01).

Desde o final do século XX, novas propostas para modificar os objetivos da educação científica relacionadas ao conceito do conteúdo escolar vem sendo propostos. No Brasil, essas novas propostas estão direcionadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), levando a uma discussão internacional desse conceito. Agora é exigido que o ensino una o conceito da aprendizagem disciplinar com o cultural (CARVALHO, 2004). Durante o processo de ensino, não é mais aceito a transmissão de uma ciência “fechada”, com conteúdos prontos e acabados para as próximas gerações, pois o entendimento da natureza da ciência tornou-se um dos objetivos primários da educação (LEDERMAN, 1992; KHALICK e LEDERMAN, 2000). Portanto, objetivando uma mudança na linguagem do cotidiano para uma científica, os professores devem dar-lhes oportunidades para expor suas ideias, a partir de um ambiente encorajador, promovido pelo professor, para que eles possam adquirir segurança nas suas falas e pensamentos e envolvimento com as práticas científicas. Assim, é necessário dar liberdade de fala aos alunos nas aulas. Pois a partir das suas próprias falas, ele tem a oportunidade de tomar consciência de suas ideias, podendo permanecer ou reformulá-las. Sendo assim, o professor dar ao aluno uma oportunidade de ensaiar um novo gênero discursivo, o da cultura científica (MORTIMER, 1998; CAPECCHI; CARVALHO, 2000). Mas, para essa mudança ocorrer, é preciso que os professores saibam construir atividades inovadoras que levem os alunos evoluírem em seus conceitos, habilidades e atitudes, além de saber conduzir as discussões para que os alunos cheguem aos objetivos propostos. O saber fazer, nessas situações, as vezes é bem mais difícil do que fazer (planejar a atividade) sendo importante uma análise crítica das aulas (CARVALHO, 2004).

Então, comecei, mesmo com muitas dificuldades no processo de ensiná-los a produzir seu próprio conhecimento, a trazer para sala de aula questionamentos de fatos do cotidiano, como base de conhecimento, para depois introduzir o conteúdo. Pesquisar é cada um buscar informações para ser possível construir seu próprio conhecimento, ajudar a construir o conhecimento daqueles com os quais convivem, questionando sistematicamente e buscando novos conhecimentos (RAMOS, 2002). Mas, para introduzir o pensamento e o costume de que construir o conhecimento é melhor do que copiar, foi muito difícil, porque, estava lidando com alunos que ainda tinham professores com modelos reprodutivistas e que estão acostumados ao “Ctrl-C, Ctrl-V” da internet. A pesquisa é lenta e progressiva, compreendendo o entendimento de não copiar, não imitar e não reproduzir, sendo o mais importante aprender a aprender (DEMO, 2006). Isso não significa que alcancei todos meus objetivos nesse período, e que meus alunos passaram a ser pesquisadores/questionadores de alta qualidade em tão pouco tempo, pois estamos falando de novos costumes que precisam de tempo para serem conquistados. Mas significa que eu, primeiramente, comecei a me

reconstruir quanto profissional, passando a acreditar e comprovar que a mudança precisa partir de mim, e que preciso buscar sempre ser uma profissional de qualidade independente do meu público de trabalho, pois estou lidando com vidas, e que durante o período de “relacionamento” eu sou responsável sim pela construção do conhecimento dos meus discentes, e por isso preciso fazer a minha parte com excelência, e estimulá-los a fazerem a parte deles.

Uma primeira estratégia que utilizei para estimulá-los a começarem a construir seu próprio conhecimento foi, fazer atividades curtas, com três a quatro questões (no máximo), em sala de aula, e corrigir com atenção. Observando, além do fato de estarem corretas ou erradas se seriam cópias (do livro ou do colega, por exemplo). E caso encontrasse cópia, mandava refazer a atividade, e sempre comentava: “você é capaz de construir sua própria resposta!”. Sendo assim, ao longo do ano, percebi uma mudança no comportamento dos discentes, em relação ao cumprimento das atividades, pois eles sabiam que eu não iria “fingir” que estava corrigindo, passando a obter boas respostas, correspondendo as minhas expectativas. Uma segunda estratégia foi, em grupos, trabalhar pequenos textos, sem exigir nada escrito, mas sim, uma narrativa sobre o tema abordado, levando-os a correlacionarem com o seu cotidiano, construindo assim suas próprias perspectivas.

Estes tipos de atividades, foram muito produtivas, sempre que solicitadas, pois eles mesmo perceberam que, seriam capazes de produzirem seus próprios conhecimentos e terem a certeza que eu, quanto professora, iria corrigi-las, não sendo possível “me enganar” ou fingir que estavam fazendo as atividades. Ao finalizar o bimestre, eles tinham uma pontuação extra, pois estas atividades eram uma oportunidade que eles tinham de receber visto.

3.4 SINTETIZANDO OS DESAFIOS

Dentre os principais desafios que enfrentei no percurso de construção da minha identidade profissional destacam-se: gestão escolar, estrutura da escola, conceitos biológicos e o comportamento dos discentes. O quadro 1 sintetiza esses desafios e os recursos que utilizei para tentar superá-los.

DESAFIO	EXPLICITAÇÃO DO PROBLEMA	CONTRIBUIÇÕES DA MINHA FORMAÇÃO	COMO RESOLVI
GESTÃO ESCOLAR	Não permitir a utilização dos microscópios da escola.	Aulas práticas que participei durante o curso.	Mostrando a utilidade dos equipamentos e utilizando-os.
ESTRUTURA DA ESCOLA	Ausência de alguns equipamentos como data-show e laboratório de informática.	-----	Utilização do quadro branco e do livro didático como fonte de pesquisa.
CONCEITOS BIOLÓGICOS	Genética; Química e Física (9 ano)	Genética: com as disciplinas específicas, genética I e II.	Estudando em outras fontes.
COMPORTAMENTO DISCENTE	Alunos utilizando os celulares (nativos digitais) e acostumados a sempre fazer cópias.	Metodologia de ensino “Educar pela pesquisa” (Pedro Demo).	Fiz um contrato de convivência e comecei a estimulá-los a construir suas próprias respostas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para mim, exercer a docência é enfrentar constantes desafios estruturais, cognitivos, comportamentais e sentimentais. O conflito de identidade é diário, necessitando sempre uma (re)construção quanto pessoa e profissional. Cada dia ocorrem situações diferentes, as quais a tomada de decisão para resolvê-las tem que ser imediata, porém com muita cautela. No âmbito da educação básica, especialmente no meu cenário de trabalho, onde lido com adolescentes marginalizados, descreditados e sem (ou pouca) referência familiar, a minha responsabilidade enquanto docente, não é apenas com o conteúdo, mas contribuindo na construção de personalidade e caráter dos meus alunos. Como? Sendo justa com as atividades, dando-lhes oportunidade de fala sempre que necessário (não somente sobre a aula, mas também quando precisam justificar alguma ausência ou não realização de atividades), relembrando/aplicando o contrato de convivência sempre que necessário, e tomando atitudes simples e diárias como por exemplo pedir licença, por favor, obrigada, iniciar a aula com “bom dia/tarde, como vocês estão?”, Estas atitudes são cruciais para um bom relacionamento como também para mostra-lhes que a educação acadêmica e doméstica podem e devem caminhar juntas.

Ao iniciar na docência, mesmo passando por inúmeras dificuldades, minha principal justificativa para permanecer, era a questão financeira. Nos dias atuais, outras questões como acreditar que somente a educação (acadêmica e doméstica), pode sim mudar vidas e contribuir para que alunos sem esperança, desejem mudar de vida através dos estudos, acreditarem que podem (e devem) concluir um curso superior, são outras razões importantes que me fazem permanecer na profissão, compreendendo que atitudes simples podem sim, mudar situações, e que sempre, antes de cobrar eu preciso tomar iniciativa e fazer a minha parte. Buscando, também, sempre incluir a família e a gestão escolar neste processo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 14 ago. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 14 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/113005.htm>. Acesso em: 14 ago. 2019.

BOLÍVAR, A. **La identidad profesional del profesorado de secundaria: crisis y reconstrucción**. Málaga: Aljibe, 2006.

BOSSLE, F.; MOLINA NETO, V.(2009). No “**olho do Furacão**”: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas. 31(1), p.131-146, setembro de 2009.

CAPECCHI, M. C. V. M. e CARVALHO, A. M. P. **Interações discursivas na construção de explicações para fenômenos físicos em sala de aula**. VII EPEF, Florianópolis, 2000.

CARVALHO, A. M. P. de. **Crítérios Estruturantes para o Ensino das Ciências**. In: CARVALHO, A. M. P. de. (org.). **Ensino de ciências: unindo a pesquisa e a prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, p. 1-17, 2004.

CARVALHO, A. M. P. **O uso do vídeo na tomada de dados: pesquisando o desenvolvimento do ensino em sala de aula**. Pro-posições, Unicamp, 7, n 1 (19), p. 5-13, mar, 1996.

CARRAHER, D. W. et al. **Caminhos e descaminhos no ensino de ciências**. São Paulo: Ciência e Cultura, v. 37, n. 6, jun. 1986.

DEMO, P. **Pesquisa: como princípio científico e educativo**. 12 ed. São Paulo. Editora Cortez, 2006.

FEIMAN-NEMSER, S., & BUCHMANN, M. (1985). **Pitfalls of experience in teacher preparation**. Teachers College Record, 87, 53-65

ESTADO DA PARAÍBA. **Lei nº 11.100, de 6 de abril de 2018**. Cria o Programa de Educação Integral, composto por Escolas Cidadãs Integrais - ECI, Escolas Cidadãs Integrais Técnicas - ECIT e Escolas Cidadãs Integrais Socioeducativas - ECIS e institui o Regimento de Dedicção Docente Integral - RDDI e dá outras providências. [S. l.], 12 abr. 2018.

ESTADO DA PARAÍBA. Secretaria de Educação. **Diretrizes Operacionais das ECI, ECIT e ECIS: instrumento que visa orientar acerca da operacionalização das rotinas escolares e subsidiar a organização das atividades desenvolvidas pela equipe escolar**. Paraíba, 2019.

ICE: **Instituto de Corresponsabilidade Pela Educação**. Disponível em: <http://icebrasil.org.br/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

FERRACIOLI, L. **Aspectos da construção do conhecimento e da aprendizagem na obra de Piaget**. Vitória – ES, Agosto, 1999.

FEIMAN-NEMSER, S. **From Preparation to Practice: Designing a Continuum to Strengthen and Sustain Teaching**. Teachers College Record, v. 103, n. 6, p. 1013-1055, 2001.

GARCIA, M.C. **O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência**. Form. Doc., Belo Horizonte, v. 02, n. 03, p. 11-49, ago./dez. 2010. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>

KHALICK e LEDERMAN N. G. **International Journal of Science Education**. 22 (7), p. 665-701, 2000.

LEDERMAN, N. G. **Student's and teacher's conceptions of the nature of science: a review of the research**. *Journal of Research in Science Education*, 29 (4), p. 331-359, 1992.

MARCELO, C. **Estudo sobre estratégias de inserção profissional em Europa**. *Revista Iberoamericana de Educación*, 19, p. 101-1

MORAES, R; GALIAZZI, M. do C.; RAMOS, M. G.. **Pesquisa em Sala de Aula: Fundamentos e Pressupostos**. In: MORAES, Roque; LIMA, Valderez Marina do Rosário. *Pesquisa em Sala de aula: Tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.p. 9.

MORTIMER, E. F. **Multivoicedness and univocality in classroom discourse: an example from theory of matter**. *International Journal of Science Education*, v. 20, n. 1, p. 67-82, 1998.

PÉREZ, Daniel Gil; MONTORO, Izabel Fernández; ALÍS, Jaime Carrascosa; CACHAPUZ, Antonio; PRATA, João. Para uma imagem não deformada do trabalho Científico. **Ciência & Educação**, Espanha, v. 7, n. 2, 8 jan. 2001. 125-153, p. 125-154.

PETER, Smagorinsky; COOK, Leslie Susan; MOORE, Cynthia; JACKSON, Alecia Y.; FRY, Pamela G. **Tensions in learning to teach: accommodation and the development of a teaching identity**. *Journal of Teacher Education*, The American Association of Colleges for Teacher Education, ano 8-24, v. 55, n. 1, p. 17, jan/fev. 2004.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar/ Philippe Perrenoud; trad. Patrícia Chittoni Ramos**. - Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Patrícia Petitinga. **E agora, quem sou eu? Vou me lembrar, se puder! Estou decidida! (Des)construções identitárias de uma professora que ensina ciências**. Artigo, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, F. C. R.; MENDES, B. M. M. (2009). **(Auto)biografia, pesquisa e formação: aproximações epistemológicas**. GT 2. V encontro de Pesquisa em Educação. Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação. 18 a 20 de março de 2009. Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2009.

VIANNA, D. M. **O que aprendi nas escolas**. In: CACHAPUZ, A. F.; CARVALHO, A. M.P. de; GIL-PÉREZ, D. (org.). **O ensino das ciências como compromisso científico e social: os caminhos que percorremos**. São Paulo: Cortez, p. 179-196, 2012.

AGRADECIMENTOS

À professora Roberta Smania pela orientação e apoio, à Deus pela minha saúde e capacidade cognitiva, aos meus familiares e amigos pelo apoio e aos professores do Curso de graduação em licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba.

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho de conclusão de curso às seguintes pessoas: minha família, minha mãe Patrícia meu pai Márcio e aos meus irmãos Karina, Isaque e Esther. Inicialmente, gostaria de agradecer a minha família e amigos. Especialmente, meus pais que sempre me apoiaram com tudo que eu precisava durante a minha vida e minha irmã por me ouvir em momentos difíceis. Os meus tios, que me proporcionou muitos momentos mágicos. Um agradecimento especial a meus primos. Gostaria de agradecer ao meu avô como exemplo de determinação e luta. Aos meus familiares, pelo amor, incentivo, força e apoio incondicional.

Se hoje estou vivo e em condições de poder desfrutar de mais um dia, devo tudo isso a Deus, um Pai amoroso que sabe cuidar de todos aqueles que se esforçam em fazer a sua vontade. Agradeço de todo pela misericórdia e a bondade com que me trata, meu Deus. Não há nada melhor que seguir Teus caminhos e poder sentir que esse é o melhor modo de vida que existe.

Eu sei o quanto foi difícil superar as dificuldades para hoje estar aqui nesta formatura. Hoje sou alguém mais forte e com outras competências. Mas tudo foi possível porque vocês me deram o apoio que tanto precisei. Na verdade, acho que de outra forma eu não teria conseguido. Foram tempos de luta, lágrimas, suor e sangue. Mas agora sei que venci, ou melhor, sei que vencemos. Agradeço por me apoiarem em todas as horas de dificuldade!.

Querida irmã, você tem sido uma verdadeira conselheira e amiga durante toda a minha vida. Parece que nem consigo tomar decisões sem saber sua opinião. Tenho sido muito feliz por sentir que você sempre procura o melhor para mim. Quero lhe agradecer por estar do meu lado e fazer da sua experiência uma voz que me guia pelo melhor caminho.

Querida mãe, você faz tanto por mim e dedica todo o seu tempo em fazer com que a vida de todos que estão ao seu redor seja a melhor possível, mas eu sinto que eu não agradeço você o suficiente por tudo que você faz. Saiba que nenhuma das suas ações passa despercebida e mesmo que não diga em voz alta tudo que eu sinto, sou muito agradecida por ter uma mãe tão incrível como você. Muito obrigada por ser minha mãe, me dar tudo que sempre precisei e por ser esse exemplo de mulher. Te amo muito!

Pela conclusão deste trabalho, gostaria de agradecer a Deus por ter me dado tudo que sempre precisei para alcançar este objetivo. Agradeço de coração também esta instituição por toda a ajuda e pela educação dada. Tenho este lugar meu segundo lar. Aos meus orientadores e demais professores que tanto me ajudaram a chegar na conclusão deste trabalho. Toda minha gratidão para minha família, amigos e colegas de curso. Vocês são o motivo do meu empenho e dedicação. Por fim, agradeço todas as pessoas que de alguma forma estiveram envolvidas na realização deste trabalho.

Este é um agradecimento especial dedicado a todos os professores que não se preocupam só em ensinar. Mas que inspiram seus alunos a aprender, e abrem as mentes dos que se sentam na sua sala de aula para outros horizontes. Esses são os professores que deixam marca eterna nos nossos corações e mentes, e que tanto contribuem para formar bons adultos. Obrigada a esses professores pela paixão com que exercem esta nobre profissão!

Quero agradecer a Deus por ter me dado força e confiança para acreditar no meu sonho e lutar por alcançar aquilo que acredito. Não esqueço o papel que a Universidade teve ao longo de todo meu percurso e por isso agradeço os recursos e o apoio que sempre me ofereceu.

Aos professores e orientadores eu deixo uma palavra de gratidão porque reconheço a paciência e o esforço de todos sem exceção. À minha família e a todos os amigos eu quero gritar bem alto meu agradecimento porque nunca duvidaram das minhas capacidades e tornaram possível a realização do meu grande objetivo. A todas as pessoas que não mencionei eu quero deixar bem claro que não estão esquecidas: se me tocaram de algum modo podem ter certeza que agradeço com toda intensidade.